

Pedro Sequeira

03.2011 Texto de introdução para o catálogo com o mesmo título Introduction text for the catalogue with the same title. The Art Gallery in Legnica PL

*Drawing attention, filling bodies*

pt

Baudrillard nomeia o corpo como "... o mais belo, precioso e resplandecente de todos os objectos". Se eu disser que o mundo é a experiência do corpo, coloco-o no seu centro e todas as coisas serão fracções dessa experiência.

Nesta muito breve entrada, coloco questões relevantes para pensar o trabalho no campo da prática artística: a atenção sobre o corpo enquanto mediador, a sua performatividade, e a ideia de fragmentação, isto é, a construção do pensamento a partir de momentos isolados, descontinuados. Esta não linearidade como método pressupõe duas perspectivas: a de que existe o que podemos chamar de imponderável, improvável ou até incongruente entre esses momentos (na contaminação como processo aberto), e as relações que se estabelecem entre todas as coisas e todas as coisas.

Gedi Sibony (2007), fala-nos de tirar notas enquanto manipula materiais, da possibilidade de partilha da sua experiência enquanto combina elementos, explora efeitos de percepção sobre essas estruturas e suas associações, quando executa os seus ensaios. O ateliê, é então primeiro plano de experimentação, onde as matérias e os materiais possibilitam o cruzamento de informação, para potenciarem associações no constante exercício de encontrar e perder coisas, que naturalmente se estende depois para o espaço expositivo, o espaço da visibilidade. Esta construção fragmentária, ou fractal, pode ser uma construção narrativa complexa, em que todos os pontos (assunto, forma, matéria, material, signo) se relacionam entre si, o equivalente à construção de um pensamento. No espaço do ateliê, o meu corpo, na sua acção, opera materiais para que, manipulados, observados, dirigidos, fomentem uma potência que lhes é devolvida. Neste espaço, o apelo à performatividade, ao arranjo, e à conectividade dos assuntos e acções, actuam em conjunto para confabular lugares, a partir do olhar performativo (Cunha e Silva, 1999). A performatividade, como problematização de sentido, potencia ou activa códigos a partir do corpo, enquanto agente produtor de significados, e enquanto receptor do meio social que o rodeia, que activa todas as máquinas da percepção e da representação, e, se transforma num lugar de múltiplas intervenções, de múltiplas colonizações. (Cunha e Silva, 1999).

A joalheria, cujo objecto considero semi-funcional, é a atenção sobre a matéria e a forma, ou sobre o material e a forma, e que a partir da segunda metade do século XX, levantou uma atenção maior para a codificação e actuação conscientes sobre o corpo, ou da actuação deste sobre o objecto, porque ambas as direcções são recíprocas na construção de um sistema de linguagens. Mas antes de se tornar objecto com um propósito quase funcional (ou jóia, ou objecto para ser visto na massa do corpo humano), é um conjunto de materiais ou matérias, potenciadores de códigos que activam outras significações e outras linguagens. A atenção que dirijo a materiais (e objectos) que evidenciam uma ligação com o corpo, directa e indirectamente conectados a ele, e nos quais permanece uma significação ou memória reminescente, são os objectos nos quais opero, ao desviar, evocar ou enfatizar relações. Para a exposição *Objects which bear no power*, contexto no qual foi produzido este catálogo, foram pensadas duas peças (que se desdobram em outras) a partir desta metodologia processual fragmentária e com atenção dirigida para a questão performativa, no manobrar os objectos, ora transformados, ora apresentados.

Sobre o que apresento, e como se apresenta, agora em forma de documento, trata-se de uma fatia de superfície entre o deambular do que imergiu e o que emergiu, do que ainda ficou submerso e do que voltará à tona mais tarde, resultados de manobras que activam o corpo para a memória dele mesmo.

*en*

Baudrillard proffers the body as "... the most beautiful, precious and resplendent of all objects". If I say that the world can be considered the body's experience, I place it at the heart of the world and all things are fragments of that experience.

In this very brief introduction, I raise questions relevant to the process of how to approach working in the artistic field: attention to the body as mediator, its ability to perform, and the idea of fragmentation (i.e. the construction of thoughts from isolated, interrupted moments). This nonlinear method presupposes two perspectives: that there is something that we can call unforeseeable, unlikely or even incongruous between these moments (the process being open to contamination) and that relationships are established between all things.

Gedi Sibony (2007) tells of note-taking whilst handling materials, of the possibility of sharing his experience whilst combining elements. During this experimentation he explores the effects of awareness of these structures and their inter-associations. The studio then serves as the canvas for experimentation where the base materials and component objects allow information exchange so as to enhance associations in the constant pursuit of finding things and losing things. This naturally extends later into the exhibition space, the public viewing space. This fragmentary, or fractured, construction can be a complex narrative construction in which all aspects (subject, form, component objects, materials, ideas) relate to each other, equivalent to the construction of a thought. Within the studio my body, through its actions, works with materials so that, handled, observed, managed, they stir up a energy or power/influence that is then returned to them. In this space, performativity, arrangement and connectivity of ideas and actions work together to create places, starting from the performative point of view (Cunha e Silva, 1999). Performativity, as a topic for discussion, empowers or triggers messages originating from the body, whilst acting as a producer of meanings and a receiver for the social environment that surrounds it. It activates the entire machinery of perception and representation, and becomes a place of multiple interventions, multiple colonization (Cunha e Silva, 1999).

Jewellery, which I consider to have a semi-functional purpose, is an attention to material and form or to component objects and shape, that, from the second half of the twentieth century onwards, drew greater attention to the conscious codification and actuation of the body itself, or to the body acting on the object, because both directions are reciprocal in constructing a system of languages. But primarily, before becoming an quasi-functional object (or a piece of jewellery or an object to be seen on the human body) jewellery is a set of materials or components, message enhancers that trigger other meanings and other languages.

The attention that I give to materials (and objects) that show a connection, directly and indirectly, to the body and in which a significance or memory persists, is what I use to redirect, evoke or emphasize connections.

For the exhibition Objects which bear no power, for which this catalogue was produced, two pieces (from which developed others) were conceived from this fragmentary procedural methodology, with attention being paid to performativity whilst manipulating objects, sometimes transformed, sometimes simply displayed. Turning to what I exhibit and how it is presented (currently in the form of this document), this is a piece from the surface of the meandering between what is submerged and what has emerged, what still remains immersed and what will later resurface, results of manipulations that activate the body towards the memory of itself.